FACULDADE DE LETRAS

Universidade do Porto

GUIA DO ESTUDANTE

Sociologia

3º ano

EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO
1994/95

FACULDADE DE LETRAS

Universidade do Porto

FACULDADE DE LETRAS
BIBLIOTECA
PORTO

GUIA DO ESTUDANTE

XV

EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO
1994/95

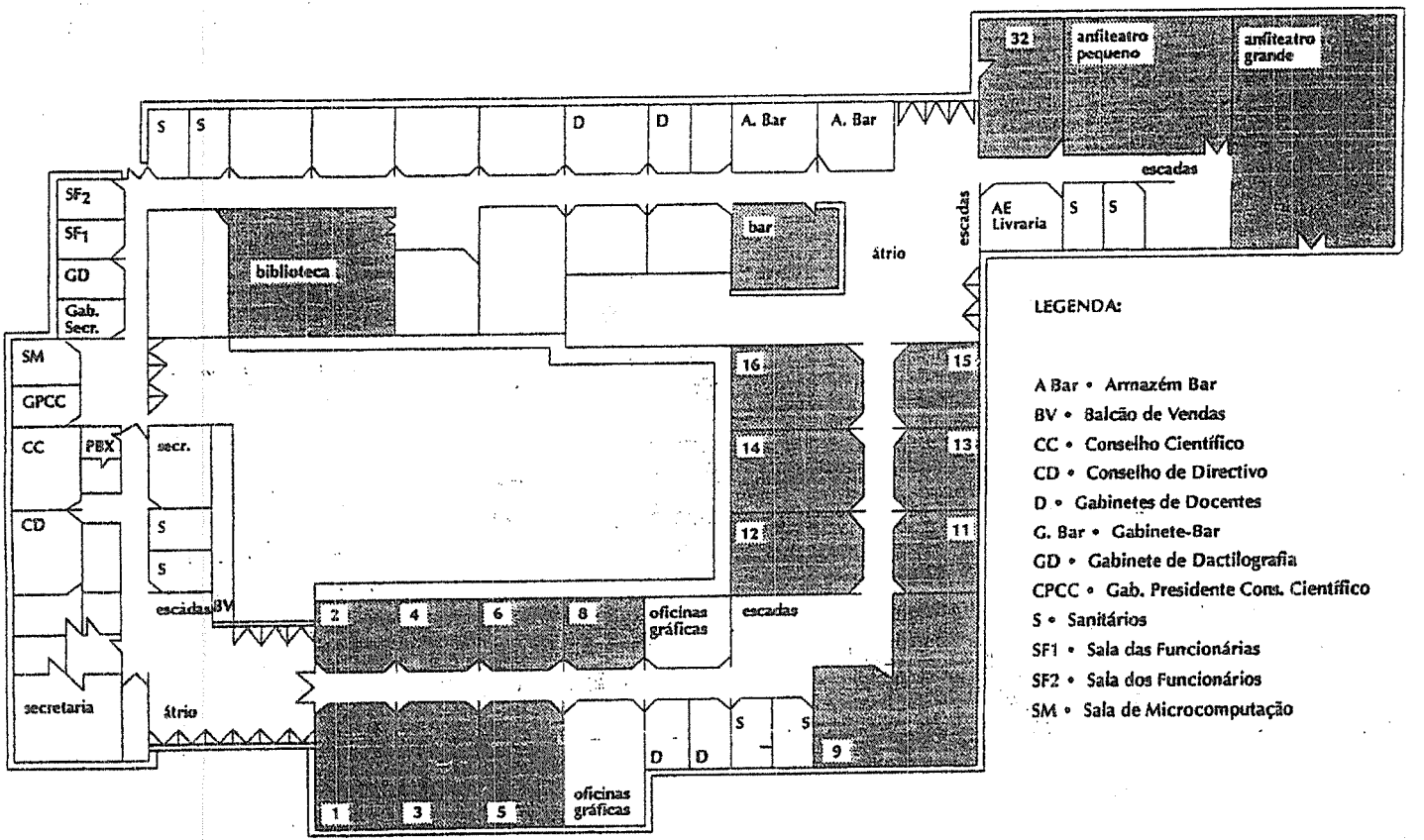
Guia do Estudante da FLUP.SOC: 3º Ano
Vol.15, 1994-95
Publicação Anual

Dactilografia: Margarida Santos
Execução e Impressão: Oficina Gráfica
Tiragem: 100 exemplares

FLUP — Actuais instalações

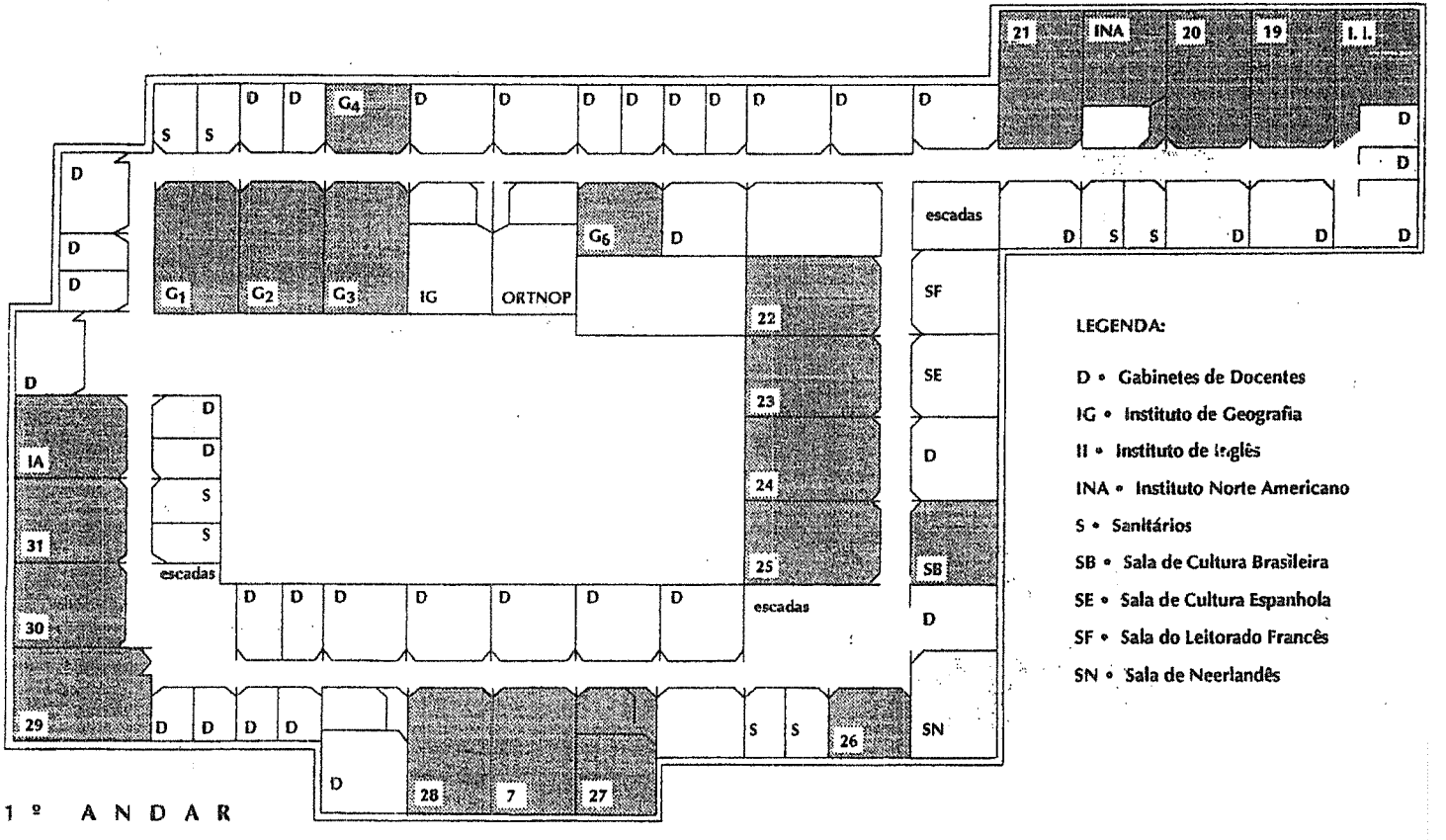
FLUP — Próximas instalações

EDIFÍCIO PRINCIPAL DA FACULDADE DE LETRAS • PORTO



RÉS DO CHÃO

EDIFÍCIO PRINCIPAL DA FACULDADE DE LETRAS • PORTO


21
INA
20
19
I. I.
S
S
D
D
G4
D
D
D

INTRODUÇÃO

GUIA DO ESTUDANTE

INTRODUÇÃO

O estudante que, pela primeira vez, frequenta algum dos cursos ministrados na FLUP carece de um conjunto mínimo de informações que o situe na Escola e na realidade nova que para ele certamente significa a entrada na Universidade. Mas também os outros, aqueles que conhecem há um ou mais anos os corredores e as salas de aula desta Casa, necessitam de indicações actualizadas sobre programas, bibliografia, temas, normas de avaliação, calendário, etc.

Por isso, continuando uma tradição que remonta a 1980/81, o Conselho Directivo coloca à disposição dos alunos o Guia do Estudante que vai já na sua 15ª edição.

O passado tem mostrado a enorme utilidade desta publicação. Oxalá a presente edição continue a prestar os relevantes serviços de sempre e que, para além disso, possa constituir um sinal da vitalidade e do imenso labor desenvolvido nesta Faculdade.

Porto e Faculdade de Letras, Julho de 1994

O PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO

****

ÓRGÃOS DE GESTÃO DA FACULDADE

Assembleia de Representantes
Conselho Directivo
Conselho Científico
Conselho Pedagógico
Conselho Administrativo
Conselho Consultivo.

****

SERVIÇOS DA FACULDADE

A - Secretaria

Sector de Matrículas e Inscrições
" de Equivalências
de Mudanças de Curso.
Horário normal de abertura ao público:
de 2ª a 6ª feira: 14H00 - 16H30
Encerra ao Sábado.

B - Tesouraria

Horário de atendimento:
de 2ª a 6ª feira: 9H30 - 11H30
14H30 - 16H30
Encerra ao Sábado.

C - Biblioteca Central

A Biblioteca Central constitui um serviço de fundamental importância da FLUP e por isso tem merecido uma atenção particular por parte dos Conselhos Directivos.

São utentes de direito da Biblioteca os docentes e os alunos da FLUP. Em casos devidamente justificados, porém, outras pessoas podem utilizar os seus serviços, nomeadamente a pesquisa na Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase").

Para consulta das obras da Biblioteca Central os utilizadores devem possuir o cartão de leitor, o qual deverá ser revalidado todos os anos depois de efectuadas as inscrições.

1. Tipos de leitura:

a) de presença: na Sala de Leitura (horário afixado);
na Sala de Obras de Referência (livre acesso);

b) domiciliária: normas regulamentares afixadas na Sala de Leitura.

2. Sala dos Catálogos:

a) Onomástico

b) Didascálico

c) CDU (Classificação Decimal Universal)

c) Cardex (Publicações Periódicas)

d) "Porbase" (através do terminal ligado em linha à Base Nacional de Dados Bibliográficos)

e) Bases de dados locais.

Nota. As obras entradas depois de 1988 encontram-se integradas na Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase"), e nas bases de dados locais, pelo que não devem ser procuradas nos catálogos tradicionais.

Tanto os catálogos tradicionais como a "Porbase" incluem também obras de alguns Institutos e Centros sediados na Faculdade, identificáveis pelas respectivas siglas.

Como é de norma em todas as Bibliotecas, as obras classificadas de "Reservados", as de "referência" (dicionários, enciclopédias), as teses e as revistas e publicações periódicas não podem ser requisitadas para leitura domiciliária.

O mesmo se aplica às obras pertencentes ao "Fundo Primitivo".

3. Horário de leitura: (Excepto nos períodos de férias)

2ª a 6ª feira: 81130 - 191100

4. Leitura de presença

4.1. Obras em depósito.

4.1.1. Para a leitura de presença, o leitor só pode requisitar 3 obras de cada vez.

4.2. Obras em livre acesso (Sala de leitura e de Referência)

4.2.1. A estas obras poderá o leitor aceder directamente, ficando estabelecido que não deverá voltar a colocá-las nas estantes, mas num local designado para esse efeito.

5. Leitura domiciliária

5.1. Podem ser requisitadas 3 obras diferentes simultâneamente.

5.2. O empréstimo de obras para leitura domiciliária processa-se entre as 14h e as 18h e a sua devolução deverá ocorrer impreterivelmente 48 horas depois de terem sido requisitadas.

5.3. As requisições das mesmas obras podem ser renovadas, quando não haja prejuízo para outros leitores.

6. Os alunos invisuais dispõem do aparelho Optacon oferecido pela Fundação Calouste Gulbenkian e instalado na Biblioteca Central.

7. Estão disponíveis para pesquisa em CD-ROM diversas bases de dados cuja utilização obedece a um regulamento afixado na Biblioteca.

8. Serviço de informação bibliográfica da Biblioteca Central da Faculdade:

Boletim Bibliográfico (Semestral), 1979 ss.

Núcleo de Teses Existentes na Biblioteca Central da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo I", Porto, 1989.

Trabalhos de Docentes da F.L.U.P.; "Boletim Bibliográfico -Anexo II", Porto, 1989.

Núcleo das Obras que constituem o Fundo Ultramarino da Biblioteca Central da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo III", Porto, 1990.

Núcleo Documental do Instituto de Estudos Norte-Americanos, "Boletim Bibliográfico - Anexo IV", Porto, 1990.

Bibliografia Temática:

1- "Biblioteconomia e Documentação", 1989.

2- "Educação, Pedagogia, Didáctica", 1989.

3- "Biblioteconomia, Documentação, Arquivística", 1989.

4- Biblioteconomia. Documentação. Arquivística, 1991.

5- Literatura Medieval. Cultura Medieval, 1992.

6- Sociologia, 1992

Boletim de Sumários, 1988 ss.

Reservados da Biblioteca Central, 1ª ed., 1989; 2ª ed., 1990

Núcleo Documental do Instituto de Estudos Ingleses, Porto, 1991

Dissertações Académicas, Porto, 1992

Núcleo Documental da Sala Brasileira, Porto, 1992

Para além da Biblioteca Central, existem na Faculdade Institutos, Salas e Centros de Investigação:

Instituto de Estudos Ingleses
" de Estudos Norte Americanos
" de Estudos Germanísticos
" de Geografia
" de Cultura Portuguesa
" de Arqueologia
" de Documentação Histórica Medieval
" de Filosofia e História da Filosofia
" de História de Arte
" de Língua Portuguesa
" de Literatura Comparada
" de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa
" de Sociologia
" de Ciências da Educação
" de Estudos Franceses

Sala Brasileira
" Espanhola
" Neerlandesa
" de História Moderna
" de História Medieval

Centro de História
" de Linguística
" de Estudos Semióticos e Literários.

Dependente da Reitoria da Universidade, mas sediado na FLUP, funciona o Centro Norte de Portugal-Aquitânia (CENPA).

Obs.: O acesso de alunos a algumas destas unidades está condicionado, de acordo com as normas da direcção de cada uma delas.

****

D - Oficina Gráfica - Balcão de Vendas

Serviço de reprografia da Faculdade e de venda de publicações; apoia as actividades pedagógicas, de investigação e administrativas da escola. Preçário fixado pelo Conselho Directivo.

Horário de atendimento ao público:
2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H30

****

BAR

Presentemente, o serviço de cafeteria e de "snack" é assegurado por exploração dependente da Associação de Estudantes da Faculdade.

Horário:
2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H00
Encerra ao Sábado, normalmente.

****

PARQUE DE ESTACIONAMENTO

Reservado aos elementos da FLUP. Entrada pela Travessa de Entre Campos. Possui zonas demarcadas, que devem ser respeitadas para comodidade de todos.

No interior do parque aplicam-se todas as normas jurídicas sobre responsabilidade civil por danos causados a terceiros.

Horário:
2ª a 6ª feira - 7H30 - 23H00
Sábados- 7H30 - 13H00.

****

ACTIVIDADE ESCOLAR

A. Cursos de Licenciatura
História
História (Variante Arte) .
História (Variante Arqueologia)
Filosofia
Línguas e Literaturas Modernas (Est. Port; Est. Port/Franc; Est. Port/Ingl; Est. Port/Alem; Est. Ingl/Alem; Est. Franc/ Alem; Est. Franc/Ingl.)
Geografia
Sociologia.

B - Cursos Profissionalizantes:
a) Ramo educacional:
regime transitório
regime normal (3º, 4º e 5º anos).
b) Tradução

C - Cursos de pós-graduação:
a) Mestrados:
História Medieval
História Moderna
História Contemporânea
História da Arte
Arqueologia
História da Cultura Portuguesa (Época Moderna)
Filosofia do Conhecimento
Filosofia Medieval
Filosofia da Educação
Literaturas Românicas Modernas e Contemporâneas

Estudos Anglo-Americanos
Linguística Portuguesa Descritiva
Geografia
Sociologia

b) Curso de Especialização em Ciências Documentais - Opção "Bibliotecas e Documentação"; Opção "Arquivos"

c) Curso de Pós-Graduação em Museologia.

D - Curso de Português para Estrangeiros.

E - Cursos de Formação Contínua de Professores.

F - Actividades de extensão cultural - O Ciclo de Conferências promovidas pelo Conselho Directivo no ano lectivo anterior, terá continuidade no presente ano lectivo. Foi já publicado o texto da 1ª Conferência, proferida em 31 de Março de 1993: SOVERAL, Eduardo Abranches de, Meditação Heideggeriana, Conferências da FLUP, Ed. do Conselho Directivo, 1993

****

INDICAÇÕES PEDAGÓGICAS (Síntese):

Os alunos devem ter em atenção o regime e tabela de precedências em vigor, assim como as Normas de avaliação aprovadas pelo Conselho Pedagógico.

1. RAMO EDUCACIONAL:

Regime transitório (Port. 850/87):

1º ano:

a) os alunos que concluem a licenciatura (plano de estudos antigo) têm direito a candidatar-se à inscrição no 1º ano no primeiro curso aberto após a conclusão da licenciatura;

b) equivalências concedidas:

em Filosofia: Filosofia da Educação a Introdução às Ciências da Educação;

em LLM: Didáctica da Língua Inglesa a Metodologia do Inglês.

2º ano:

a) estágio nos locais fixados pela Direcção Regional de Educação do Norte;

b) seminário semanal na Faculdade (3 horas);

c) admissão ao estágio com aproveitamento em todas as disciplinas do 1º ano (na época de Julho; os alunos que terminam o 1º ano do regime transitório na época de Setembro e de Dezembro só podem concorrer a lugares de estágio em Julho do ano seguinte).

Regime normal (Port. 850/87):

1. Para poder candidatar-se ao ramo educacional - regime normal - o aluno deve estar em condições de passagem para o 3º ano do curso (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso).

2. A média para seriação dos candidatos é calculada com base nas classificações da totalidade das disciplinas do 1º e do 2º ano, menos duas (se o aluno não tem disciplinas em atraso), ou menos uma (se só tem uma em atraso).

Obs.: Para os efeitos indicados no número precedente, não são levadas em conta as classificações mais baixas obtidas pelo aluno até à data.

Notas:

I - O regulamento dos estágios, encontra-se publicado na Port. 659/88, de 29 de Setembro.

II - Os alunos devem ler com cuidado todos os avisos afixados sobre esta matéria antes de se dirigirem à Secretaria.

III - Informa-se que a Unidade de Apoio aos Alunos Deficientes (UAAD), da Pró-Reitoria da Universidade (Acção Social Universitária e Assistência Médica), presta apoio psico-social e médico-pedagógico aos estudantes invisuais. Neste âmbito a UAAD promove também a passagem de textos de apoio em Braille, com a colaboração da Associação de Cegos do Norte de Portugal.

No que concerne a aquisição do material específico, por parte destes alunos, dispõem os mesmos de cassetes, a preço mais acessível, no Centro de Documentação e de material didáctico dos Serviços Sociais da Universidade do Porto (SSUP).

Mais se informa que a Pró-Reitoria aguarda uma resposta da Biblioteca Pública Municipal do Porto, sobre uma proposta de colaboração para a gravação de textos de estudantes invisuais da Universidade do Porto.

2. CURSOS DE TRADUÇÃO - Para alunos de LLM (Port. 850/87):

a) Os alunos interessados nestes cursos poderão optar pelo curso de tradução em Inglês-Português, de Francês-Português ou de Alemão-Português.

b) Serão candidatos à admissão nestes cursos, os alunos inscritos no 2º ano, que reunam as condições de transição para o 3º ano do respectivo curso.

c) Os candidatos serão seleccionados de acordo com as médias obtidas nos dois primeiros anos do curso.

****

INDICAÇÕES ACADÉMICAS (Síntese):

1. No prazo de 7 dias a contar da afixação do respectivo aviso (ou pauta) ou da data do correio, os alunos devem dar cumprimento aos deferimentos favoráveis exarados nos requerimentos que tenham apresentado à Faculdade.

2. Mudança de variante em LLM: os pedidos dos alunos da FLUP só podem ser considerados depois de terem completado todas as disciplinas do 1º ano em que se inscreveram.

3. Curso de Ciências Documentais (pós-graduação) - as disciplinas em atraso do curso anterior podem ser feitas no curso seguinte.

Notas:

1. Para as restantes informações, devem os alunos consultar o folheto Indicações Úteis aos Alunos, difundido gratuitamente pela Universidade do Porto.

2. Chama-se a especial atenção dos alunos para os avisos sobre a micro-radiografia.

****

NORMAS DE AVALIAÇÃO

(Aprovadas pelo Conselho Pedagógico em 4/Julho/94)

No desempenho das funções que lhe competem segundo os Estatutos da Universidade do Porto e os Estatutos da Faculdade de Letras e de acordo com a legislação em vigor, o Conselho Pedagógico aprovou as Normas de Avaliação de Conhecimentos para o ano lectivo de 1994-1995.

Estas normas pretendem corresponder a uma renovação das nonnas até agora vigentes.

Embora a muitos pareça necessária uma remodelação profunda destas normas, o Conselho Pedagógico optou por uma reformulação que mantivesse a estrutura global do método de avaliação, uma vez que o projecto de reestruturação dos cursos ainda nao entrou em funcionamento. Todavia, pareceu-nos urgente simplificar e clarificar as normas de avaliação, já que elas, com os sucessivos ajustamentos que têm sofrido, se têm revelado demasiado complexas, com uma formulação confusa, repetitiva e, por vezes, contraditória.

A. MODALIDADES DE AVALIAÇÃO

Art° 1° - Caracterização das modalidades de avaliação

1. Admitem-se as seguintes modalidades de avaliação:
   a. Avaliação contínua.
   b. Avaliação periódica.
   c. Avaliação final.

2. Nos termos do artigo 18° é permitida a combinação, numa mesma cadeira, da modalidade de avaliação contínua com uma das outras modalidades de avaliação, prevalecendo, dentro de cada uma dessas formas de avaliação, as normas respectivas.

3. Poderão existir, em alternativa ou em combinação com outras modalidades, trabalhos de investigação ou de campo ohrigatórios, definidos nos termos dos artigos 2°, 16°, 17° e 18°.

Art° 2° - Definição inicial da avaliação e sua apresentação

1. No início do ano lectivo, ao apresentar o programa da disciplina, o docente deve comunicar o plano de avaliação e dialogar com os alunos acerca dos seus diferentes aspectos, explicitando:

a) objectivos pedagógico-didácticos;

b) modalidades de avaliação, com referência à existência ou não de avaliação contínua e à forma como, dentro dos limites impostos nestas normas, esta poderá ser combinada com outras modalidades;

c) existência ou não de trabalhos de investigação obrigatórios e/ou facultativos;

d) os índices e critérios de ponderação de cada uma das componentes de avaliação (testes, trabalhos de investigação, trabalhos de campo, participação nas aulas teóricas e práticas).

e) o número e o tipo de testes mínimo para as disciplinas em modalidade de avaliação contínua.

2. O estipulado no ponto 1. deve obrigatoriamente ser registado pelo docente no livro de sumários, até ao fim do primeiro mês de aulas.

3. O plano de avaliação terá em conta as condições concretas de funcionamento de cada disciplina, nomeadamente:

a) número de alunos;

b) número de docentes;

c) natureza da disciplina e conteúdos a leccionar.

4. Todos os alunos devem tomar conhecimento desde o início do ano lectivo do plano de avaliação de cada uma das disciplinas em que estão inscritos. Em caso algum poderão invocar desconhecimento desse plano nos momentos de avaliação.

B. AVALIAÇÃO CONTÍNUA

Art° 3 - Tipos de provas

1. A modalidade de avaliação contínua terá um número de provas mínimo a definir pelo docente no início do ano lectivo e em correlação directa com as matérias a leccionar. Estas devem ser distribuídas regularmente, consistindo na realização complementar ou em alternativa de vários tipos de provas: trabalhos escritos e orais, relatórios de leitura ou de trabalho de campo, elaboração de bibliografias críticas, testes escritos ou orais, etc.

2. Uma das provas tem que ser obrigatoriamente um teste escrito.

3. Os alunos devem ser informados sobre todos os elementos de avaliação, incluindo os trabalhos orais e a participação nas aulas, e sobre os critérios de ponderação adoptados.

4. As classificações de avaliação contínua devem ser regularmente comunicadas ao aluno e publicadas até uma semana antes do prazo limite de desistência de avaliação contínua.

Art° 4 - Funcionamento das aulas

1. A avaliação contínua pode ser realizada apenas em turmas cuja frequência média não exceda 30 alunos.

2. O quantitativo referido no ponto anterior poderá, eventualmente, ser alterado, após autorização do Conselho Pedagógico, e mediante justificação do docente.

3. As disciplinas ou turmas que funcionam no regime de avaliação contínua podem ter aulas durante a interrupção motivada pelas primeiras provas de avaliação periódica, mediante acordo entre professor e alunos.

Art° 5 - Exigência de presença às aulas

1. A avaliação contínua obriga à presença do aluno, no mínimo, em 75% das aulas.

2. A presença dos alunos é verificada pela assinatura de folhas de presença, sob a responsabilidade do docente.

Art° 6 - Inscrição e desistência

1. A inscrição nesta modalidade de avaliação é feita no decurso do primeiro mês de funcionamento da disciplina.

2. Os alunos podem desistir da avaliação contínua, até quinze dias antes da realização do primeiro teste de avaliação periódica. Os alunos que desistirem da avaliação contínua só poderão submeter-se à avaliação final.

3. A desistência efectua-se por comunicação escrita, datada e assinada e entregue pessoalmente ao docente.

Art° 7 - Reprovação e direito à época de recurso

1. O aluno que obtenha classificação negativa em avaliação contínua é considerado reprovado, tendo, no entanto, direito a realizar exame final na época de recurso e nas condições fixadas pelo artigo 13°.

C. AVALIAÇÃO PERIÓDICA

Art° 8 - Tipos de provas

1. O número mínimo de provas a realizar é de duas, sendo uma obrigatoriamente um teste efectuado na presença do docente e podendo a outra ser um trabalho elaborado fora da aula, desde que previamente acordado entre docente e aluno, nos termos do artigo 2°.

2. Nas disciplinas em que se entenda necessária a realização de trabalhos práticos ou de campo para além das duas provas de avaliação periódica, os referidos trabalhos deverão obrigatoriamente regular-se pelo disposto no artigo 18°.

3. As provas só podem incidir sobre matéria leccionada até 8 dias antes da sua realização.

Art° 9 - Repescagem

1. Para que os alunos se considerem aprovados em avaliação periódica, a média final tem de ser positiva e em nenhuma das provas a nota pode ser igual ou inferior a sete valores.

2. Os alunos que não estejam na situação referida no ponto 1, ou que tenham faltado a uma das provas, têm direito, nas condições abaixo indicadas, a uma prova de repescagem a realização simultaneamente com o exame final da época nonmal.

3. A nota de uma das provas de avaliação periódica tem de ser igual ou superior a 9,5 para o aluno poder realizar a prova de repescagem.

Art° 10 - Inscrição e desistência

1. A inscrição do aluno nesta modalidade de avaliação considera-se efectiva pela sua presença na primeira prova de avaliação periódica.

2. Os alunos que não compareçam a uma das provas, mas queiram optar ou manter-se nesta modalidade de avaliação, devem entregar ao responsável da cadeira uma declaração datada e assinada, até cinco dias úteis após o reinício das aulas, para o caso da primeira prova. Para a segunda prova, o prazo é de cinco dias após a realização da mesma.

3. Presume-se que um aluno que não cumpra com o disposto no ponto 2 optou pela modalidade de avaliação final.

4. Um aluno que compareça a duas provas de avaliação periódica perde o direito à desistência desta modalidade de avaliação, não podendo realizar exame final na época normal, excepto nos casos contemplados no ponto 7 do artigo 13°.

Art° 11 - Reprovação e direito à época de recurso

1. O aluno que obtenha classificação média negativa em avaliação periódica é considerado reprovado, tendo no entanto direito a realizar exame final na época de recurso nas condiçoes fixadas pela lei gera e conforme os artigos 13° e 15° das actuais normas.

Art° 12 - Tipos de provas em línguas vivas

1. Sem prejuízo do exposto nos artigos 8°, 9° e 10", a avaliação periódica consta de dois tipos de provas: escritas e orais.

2. As provas escritas são, no mínino duas e precedem a prova oral, obrigando a uma média mínima de nove valores, sendo uma delas obrigatoriamente positiva.

3. Cabe aos docentes fixar o momento de realização da prova oral, observando o intervalo mínimo de 2 dias úteis após a afixação dos resultados das provas escritas, segundo o estipulado no art° 20°.

4. A classificação final deve obter-se pela média entre a nota da prova oral e a média alcançada nas provas escritas e segundo o estipulado no artigo 15° destas normas.

5. Em línguas vivas a prova oral funciona sempre como uma prova autónoma, obrigatória, com a finalidade de avaliar a capacidade de expressão oral do aluno, nunca podendo ser entendida como prova de repescagem das provas escritas.

6. Para que os alunos se considerem aprovados nenhuma das três provas realizadas pode ter uma classificação inferior a oito valores.

D. AVALIAÇÃO FINAL

Art° 13 - Tipo de provas

1. O exame final é constituído por uma prova escrita e, se necessário ou requelido, uma prova oral, devendo aquela anteceder sempre esta.

2. Nos exames finais, épocas de recurso e especial, há apenas uma chamada por cada disciplina.

3. Nas disciplinas com prova prática obrigatória no exame final, esta poderá ser substituída por um trabalho prático ou de campo realizado ao longo do ano lectivo, desde que para tal haja acordo entre professor e aluno, nos termos do artigo 2° e do artigo 18°.

4. Os alunos podem realizar exames na época de Setembro a todas as disciplinas a cujas provas faltaram ou de que desistiran em regiume de avaliação contínua ou periódica.

5. Para os alunos que realizem recurso de qualquer modalidade de avaliação em Setembro, existe um limite de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais.

6. Na época especial (Dezembro), os alunos podem fazer exame final a um máximo de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais, desde que estas sejam suficientes para a obtenção de grau ou diploma.

7. Os alunos do 4° ano dos diversos cursos, com excepção do de Sociologia, podem realizar recurso da classificação de avaliação periódica ou contínua na época normal, sem limite de número de disciplinas.

8. O recurso referido no ponto 7 não pode ser repetido na época de Setembro.

Art° 14 - Exames para melhoria de classificação

1. Os alunos podem requerer melhoria de classificação a qualquer disciplina, sem restrição numérica, mas uma só vez. Esta melhoria tem que ser realizada até à época de recurso (inclusivé) do ano lectivo seguinte.

2. Os alunos que desejem fazer exames para melhoria de classificação no ano seguinte àquele em que obtiveram a passagem nas disciplinas respectivas têm de se cingir aos programas leccionados durante o ano lectivo em que tem lugar o novo exame e de prestar provas com o docente (ou docentes) que ministra(m) os referidos programas.

3. Na melhoria de nota prevalece a classificação mais elevada.

Art° 15 - Provas orais em avaliação final

1. As provas orais devem realizar-se em salas abertas ao público, perante um júri constituído por um número mínimo de dois docentes ligados à área da disciplina.

2. Cabe aos docentes determinar o momento da realização da prova oral, observando o intervalo mínimo de 2 dias úteis após a afixação da classificação da prova escrita correspondente.

3. A nota mínima de admissão à prova oral é de 7,5 valores, excepto no caso das disciplinas de línguas vivas em que a nota minima é de 9 valores.

4. Os alunos que obtenham na prova escrita nota igual ou superior a 10 valores ficam dispensados da prova oral (excepto no caso das línguas vivas) sem que, no entanto, lhes seja vedado requerê-la no prazo de 2 dias úteis após a afixação da classificação da prova escrita.

5. Sempre que se realize uma prova oral em avaliação final, o resultado será a média obtida entre a nota da prova escrita e a nota da prova oral.

6. O regime de obrigatoriedade da prova oral pode ser estendido a qualquer outra disciplina, que não as línguas vivas, sob proposta do responsável pela disciplina, por decisão do Conselho Pedagógico e ouvido o Conselho Científico.

E. TRABALHOS DE INVESTIGAÇÃO, SEMINÁRIOS E COMBINAÇÃO DE MODALIDADES DE AVALIAÇÃO

Art° 16 - Definição de trabalho de investigação

1. Considera-se um trabalho de investigação aquele em que haja pesquisa bibliográfica, documental ou de campo, original e individualizada, cuja apresentação e dimensão obedeça a certos requisitos mínimos, previamente acordados entre docente(s) e aluno ou grupo de alunos.

2. Os critérios, métodos, prazos e formas de realização devem ser discutidos com o docente no início da elaboração do trabalho; o docente deve acompanhar de perto essa elaboração.

3. Os alunos pertencentes a um mesmo grupo de trabalho podem ter uma classificação diferenciada em função da sua participação individual.

Art° 17 - Seminários

1. Os seminários são disciplinas incluídas nos curricula das licenciaturas, nos termos da legislação em vigor.

2. Para efeitos de avaliação os alunos ficam obrigados a participar num número detenminado de reuniões definido no início do seminário.

3. Para todos os efeitos consideram-se essas reuniões equivalentes a provas de qualquer outro sistema de avaliação, sem prejuízo de outras provas a realizar.

4. Os trabalhos de investigação realizados no âmbito dos seminários obedecem nonmas estipuladas no artigo 16°.

5. Todas as decisões quanto às modalidades de avaliação, organização e funcionamento do seminário, deverão ficar registadas no livro de sumários, à semelhança do estipulado no artigo 2°.

6. Os seminários do Ramo Educacional, dada a sua especificidade, não podem ser repetidos para efeito de melhoria de nota.

Art° 18 - Combinação de modalidades de avaliação (Cursos de Geografia e de Sociologia)

1. Uma mesma disciplina pode funcionar simultaneamente com dois tipos de avaliação: avaliação periódica ou final relativamente aos conteúdos teóricos; avaliação contínua relativamente aos conteúdos práticos.

2. Para que os alunos se considerem aprovados é obrigatória uma nota mínima de 9,5 a cada uma das componentes.

3. No caso de avaliação inferior a 9,5 numa das componentes da disciplina, a classificação positiva da outra componente poderá ser considerada até à época de recurso ou especial do mesmo ano lectivo.

4. A ponderação da parte prática e da parte teórica da disciplina deve ser claramente explicitada nos termos do artigo 2°, sendo responsabilidade do docente indicar o índice de ponderação efectivo de cada uma delas na média final da disciplina.

5. Nas disciplinas em que esse índice não tenha sido efectivamente fixado, vigora uma ponderação de 50% para cada uma das componentes, teórica e prática.

6. Os alunos que optem pela combinação de modalidades de avaliação ficam obrigados ao regime de presenças próprio da avaliação contínua apenas em relação às aulas práticas.

F - APRESENTAÇÃO DAS CLASSIFICAÇÕES E SUA APLICAÇÃO

Art° 19 - Forma de apresentação das classificações

1. Todas as notas relativas a provas ou a trabalhos que servem de fundamento à classificação final, bem como esta última, têm de ser publicadas sob a forma de nota qualitativa (escala de 0 a 20) em pautas datadas e assinadas pelo docente da disciplina.

2. As classificações finais são apresentadas em números inteiros, sendo as décimas arredondadas à unidade, por defeito até ao meio valor, e por excesso a partir do meio valor.

Art° 20 - Prazos de afixação das classificações

1. Os resultados da primeira prova de avaliação periódica devem ser afixados até, no máximo, 30 dias úteis após a realização da mesma.

2. Os resultados da segunda prova de avaliação periódica devem ser afixados, até 2 dias úteis antes da realização da prova de repescagem respectiva.

3. Os resultados dos exames devem ser afixados, até 2 dias úteis antes da realização das provas orais respectivas, com indicação explícita do dia e hora em que estas se realizam.

4. Os resultados das provas orais devem ser afixados no próprio dia em que as provas se realizam.

5. Os resultados dos exames da segunda época devem ser afixados até 2 dias úteis do início das inscrições no ano lectivo seguinte.

6. Estes prazos vigoram sem prejuízo de quaisquer outros que os Conselhos Pedagógico e Directivo venham a determinar e publicitar em tempo oportuno.

G - CONDIÇOES DE PRESTAÇÃO E CONSULTA DAS PROVAS

Art° 21 - Consulta das provas

1. Os alunos têm o direito de consultar as suas provas e outros elementos de avaliação depois de classificados, desde que na presença do docente.

2. Em caso de prestação de prova oral os alunos têm o direito de conhecer a classificação da prova escrita correspondente.

Art° 22 - Condições de prestação de provas e casos de fraude

1. No início de cada prova o docente deve informar claramente os alunos acerca das condiçoes de prestação da prova.

2. Em caso de fraude comprovável, o docente deve anular a prova e comunicar o facto ao Conselho Pedagógico.

3. Caso haja apenas suspeitas de fraude, deve o docente comunicar todas as informações sobre a sua fundamentação ao Conselho Pedagógico, o qual tomará posição depois de ouvidas as partes envolvidas.

4. No caso de fraude grave comprovada, o Conselho Pedagógico comunicará o facto à secção disciplinar do Senado Universitário.

Art° 23 - Identificação dos alunos no momento de prestação de provas

1. Os docentes encarregados de vigiar quaisquer provas devem exigir aos alunos documento comprovativo da sua identidade.

2. Os docentes encarregados de vigiar provas de avaliação periódica e exames finais devem fazer circular uma folha de presenças, devidamente datada e rubricada pelo docente que recolher as assinaturas dos alunos.

H - CALENDÁRIO DE PROVAS

Art° 24 - Direito a reclamação relativa ao calendário de provas

1. Dadas as dificuldades na elaboração do calendário nos cursos com múltiplas variantes, está previsto um prazo para reclamações relativas a coincidências de provas de disciplinas do mesmo ano. O prazo é de 2 dias úteis depois de afixado o calendário das provas.

2. As reclamações devem ser dirigidas ao Presidente do Conselho Pedagógico e entregues à Secretaria da Faculdade; o Presidente do Conselho Pedagógico poderá delegar num ou mais membros deste Conselho o poder de resolução destas situações.

I - DISPOSIÇÕES FINAIS

O Conselho Pedagógico reserva-se o direito de tomar as providências que entender necessárias a fim de resolver eventuais irregularidades no processo de avaliação.

****

Calendário das provas em 1994-1995

Início das aulas: 6 de Outubro de 1994

Avaliação periódica
Primeiras provas: de 9 a 28 de Janeiro de 1995 (Reinício das aulas: 31 de Janeiro de 1995)
Segundas provas: de 22 de Maio a 9 de Junho de 1995
Fim de aulas: 20 de Maio de 1995

Exames finais
Época normal: de 12 de Junho a 1 de Julho de 1995
Época de recurso: de 12 a 30 de Setembro de 1995

****

PUBLICAÇÕES

Publicações Periódicas:

Revista da Faculdade de Letras - Séries de:
História, I série: 1971-1974; II série: 1984 ss.
Filosofia, I série: 1970-1973: II série: 1985 ss.
Filologia, I série, 1973.
Línguas e Literaturas, II série: 1984 ss.
Geografia, 1985 ss.
Sociologia, 1991 ss.

Anexos da série de Línguas e Literaturas:

I - Problemáticas em História Cultural, Porto, 1987

II - Bibliografia Cronológica da Espiritualidade em Portugal -1501-1700. Porto, 1988

III - Duas Línguas em Contraste: Português e Alemão, Porto, 1989

IV - Poesia de D. Manoel de Portugal. I - Prophana. Edição das suas Fontes, Porto, 1991

V - Espiritualidade e Corte em Portugal (Séculos XII a XVIII) Porto, 1993

VI - Verbo e Estruturas Frásicas, Porto, 1994

VII - Historiografia Gramatical (1500-1920), Porto, 1994

Portugalia (Instituto de Arqueologia), nova série. 1980 ss.

Runa, Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos (Coedição do Instituto de Estudos Germanísticos da FLUP), 1984 ss.

Revista Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos (Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, Faculdade de Letras da Univ. do Porto), 1990 ss.

Revista de História (Centro de História da Univ. do Porto), 1978 ss.

Intercâmbio (Núcleo de Estudos Franceses da Univ. do Porto), 1990 ss.

Actas de Congressos:

O Porto na Época Moderna (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1979), «Revista de História), Porto, INIC/Centro de Historia UP, vol.II, 1979, vol.III, 1980

Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste (Novembro de

1983), «Portugalia», Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Arqueologia, nova série, IV-V, 1983-1984

Perspectivas e Leituras do Universo Kafkiano (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1983), Lisboa, Apáginastantas, 1984.

I Jornadas de Estudo Norte de Portugal - Aquitânia (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1984), Porto, Centro de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia (CENPA), 1986

II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval (Novembro de 1985), 3 vols., Porto, Centro de História UP/INIC, 1987, 1989

Problemáticas em História Cultural (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1986), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, «Línguas e Literaturas» - Anexo B), 1987

Victor Hugo e Portugal. No Centenário da sua Morte (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1987), Actas do Colóquio, Porto, Ed. subsidiada pela Fundação Eng. António de Almeida e pela Fundação Calouste Gulbenkian, 1987

Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1986), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Estudos Ingleses, 1988

La Sociologie et les Nouveoux Déffis de la Modernisation (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1987), Porto, Association Internationale des Sociologues de Langue Française - Secção de Sociologia da Faculdade de Letras do Porto, 1988

Congresso Internacional «Bartolomeu Dias e a sua Época» 5 vols. Porto, Universidade do Porto - Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1989

Duas Línguas em Contraste: Português e Alemão, Actas do 1° Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-Alemão (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1988), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Estudos Germanísticos, «Línguas e Literaturas - Anexo III», 1989

Eça e «Os Maias», Actas do 1.° Encontro Internacional de Queirosianos (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1988), Colecção «Perspectivas Actuais», Porto, Edições ASA, 1990

II Jornadas de Estudo Norte de Portugal-Aquitânia. L'Identité Régionale. L'Idée de Région dans l 'Europe du Sud-Ouest (CENPA, Bordéus, Março de 1988), Paris, CNRS, 1991

A Recepção da Revolução Francesa em Portugal e no Brasil (Faculdade de Letras do Porto,Novembro de 1989), 2 vols., Porto, Universidade do Porto, 1992

Espiritualidade e Corte em Portugal nos Séculos XVI-XVIII (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1992), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de

de Letras do Porto, Maio de 1992), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, «Línguas e Literaturas--Anexo V», 1993

1º Congresso de Arqueologia Peninsular (Porto, Outubro de 1993), Actas, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Vol. XXXIV - Fasc. 1-2, 3 vols., Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1993-1994

Antero de Quental e o Destino de uma Geração, Actas do Colóquio Internacional no Centenário da sua Morte (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1991), Colecção «Perspectivas Actuais / Educação», Porto, Edições ASA, 1994

Edições do Conselho Directivo:

Guia do Estudante, Porto, 1980/81 ss.

Faculdade de Letras, 1988-1989. Porto, 1989: 2ª ed., Porto, 1994

«Fundo Primitivo» da Biblioteca Central. 1919-1928 Porto, 1989

Dissertações Académicas, Porto, 1991

Colecção «Conferências da Faculdade de Letras do Porto»:

Eduardo Abranches de Soveral - Meditação Heideggeriana, Porto, 1993

José Adriano de Freitas Carvalho - A Herança do Sebastianismo (A publicar)

António Teixeira Fernandes - A Crise do Estado nas Sociedades Contemporâneas, Porto, 1993

Luís António de Oliveira Ramos - As Universidades em Tempo de Cooperação, Porto, 1994

Rosa Fernanda Moreira da Silva - Faculdade de Letras do Porto (1980-1994). Seu Enquadramento Nacional e Regional, Porto, 1994

Humberto Baquero Moreno - Os Mudéjares no Portugal Medievo (A publicar)

Publicações da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras do Porto (AEFLUP):

Humanidades, 1982

Ícone. Revista de Colaboração Artística, 1990

Letras Soltas. Jornal da AEFLUP, 1992

íncubo, Jornal da AEFLUP, 1993

BIBLIOGRAFIA MAIS IMPORTANTE SOBRE A F.L.U.P.:

CRUZ, António - As Bodas de Prata da Restauração da Faculdade de Letras, «O Tripeiro», Série nova, Porto, IV, 11-12 Nov.-Dez., 1985, pp. 323-331

DIONÍSIO, Sant'Anna - A Quinta Amarela, «O Primeiro de Janeiro», Porto, 12.3.1958

DIONÍSIO, Sant'Anna - Nascença da Decantada Faculdade de Filosofia e Filologia do Porto, «O Primeiro de Janeiro», Porto, 1.12.1980

EIRAS, Adriano - Faculdade de Letras do Porto 1919-1931. Contribuição para a sua História, Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1989 (Em colaboração com a Faculdade de Letras do Porto)

HOMEM, Armando Luís Gomes de Carvalho - Os 25 Anos da Faculdade de Letras: Passado e Presente, «Revista da Faculdade de Letras - História», IV, Porto, 1987, pp. 293-307

HOMEM, Armando Luís Gomes de Carvalho - A História que nos fez e a História que se faz da Primeira à Segunda Fase da Faculdade de Letras do Porto, Congresso «O Porto na Época Contemporânea» (Ateneu Comercial do Porto, Outubro de 1989)

HURST, N.R.- O Ensino e o Estudo do Inglês na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (F.L.U.P), «Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas», VII, Porto, 1990, pp. 237-245

HURST, N.R. - Some Implications of Innovation in the Arts Faculty of Porto University. «Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas», X, Porto, 1993, pp. 199-202

PINA, Luís de - Faculdade de Letras do Porto (Breve História), «Cale. Revista da Faculdade de Letras do Porto», I, Porto, 1966, pp. 59-172

RAMOS, Luís António de Oliveira - Notas sobre a Origem e Estabelecimento da Faculdade de Letras do Porto, «Boletim Cultural», Porto, Câmara Municipal do Porto,1983, pp. 245-260 (Reeditado in Sob o Signo das Luzes, Lisboa, IN/CM, 1988, «Leonardo Coimbra e a Criação da Faculdade de Letras do Porto», pp. 201 -221)

SÁ, Victor de - Notas sobre o Ensino da História na 1ª Faculdade de Letras do Porto, «Revista da Faculdade de Letras - História», III, Porto, 1986, pp. 199-209

SILVA, Rosa Fernanda Moreira da - Faculdade de Letras do Porto (1980-1994). Seu Enquadramento Nacional e Regional, «Conferências da Faculdade de Letras do Porto - V», Porto, Edição do Conselho Directivo, 1994

TORRE, Manuel Gomes da - Dr. Luís Cardim. Dos Liceus para a Antiga Faculdade de Letras do Porto, «Revista da Faculdade de Letras - Línguas e

Literaturas», IV, Porto, 1987, pp. 279-300

TORRE, Manuel Gomes da - Papel da Faculdade de Letras do Porto na Formação de Professores de Línguas Vivas Estrangeiras. «Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas», VI, Porto, 1989, pp. 135-150

PROGRAMAS

SOCIOLOGIA POLÍTICA

Docente: Dr. José Virgílio Borges Pereira

1. Introdução. Sociologia e Sociologia Política. Alguns vectores de análise.

2. A especificidade dos fenómenos políticos. Poder, dominação e autoridade.

3. A relação entre as concepções da sociedade e do poder político.

4. O exercício da autoridade. Estado-razão e Estado-dominação.

5. A legitimidade do poder político Sistemas de legitimação e fontes de legitimidade.

6 A tendência histórica à concentração do poder político. A liberdade no jogo do poder e do contra-poder.

7. Os partidos políticos e as classes sociais. As classes sociais e a acção de classe. O sufrágio universal.

8. A burocratização da vida política e social. Elites e circulação de elites. A alternancia do poder.

9. A democracia nas sociedades modernas. As condições necessárias à sua realização.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

ANSART, Pierre - Les idéologies politiques, Paris, PUF, 1974

"- Idéologies, conflits et pouvoir, Paris, PUF, 1977

ARENDT, Hannah - Le système totalitaire, Paris, Seuil, 1972

"- La crise de la culture, Paris, Gallimard, 1983

ARON, Raymond - Démocratie et totalitarisme, Paris, Gallimard, 1983

"- Essai sur les libertés, Paris, Gallimard, 1982

AUGÉ, Marc - Pouvoirs de vie, pouvoirs de mort, Paris, Flammarion, 1977

BALANDIER, Georges - Anthropologie politique, Paris, PUF, 1984

BÉNéton, Philippe - Introduction à la politique moderne, Paris, Hachette,1987

BIRNBAUM, Pierre - La logique de l'état, Paris, Fayard, 1982

BOURDIEU, Pierre - O poder simbólico, Lisboa, Difel, 1988

BURDEAU, Georges - La démocratie, Paris, Seuil, 1966

"- L'état, Paris, Seuil, 1970

CLASTRES, Pierre - La société contre l'état, Paris, Minuit, 1982

CROZIER, Michel; Friedberg, Erhard - L'acteur et le système, Paris, Seuil, 1977

DURKHEIM, Émile - De la division du travail social, Paris, PUF, 1967

"- Leçons de sociologie, Paris, PUF, 1969

DUVERGER, Maurice - Les partis politiques, Paris, Armand Colin, 1981

EASTON, David - Analyse du système politique, Paris, Armand Colin, 1974

FERNANDES, A. Teixeira - Os fenómenos políticos. Sociologia do poder, Porto, Afrontamento, 1988

FREUND, J. - L'essence du politique, Paris, Sirey, 1981

JOUVENEL, Bertrand de - Du pouvoir, Paris, Hachette, 1982

LIPSET, S. M. - L'homme et la politique, Paris, Seuil, 1963

LAPIERRE, J.W. - Vivre sans état?, Paris, Seuil, 1963

"- L'analyse des systèmes politiques, Paris, PUF, 1973

MICHELS, Robert - Les partis politiques, Paris, Flammarion, 1971

MILLS, C. Wright - L'élite du pouvoir, Paris, Maspero, 1969

OSTROGORSKY, Moisei - La démocratie et les partis politiques, Paris, Seuil, 1979

PARETO, Vilfredo - Traité de sociologie générale, Genebra-Paris, Droz, 1968

SOREL, Georges - Réflexions sur la violence, Genebra-Paris, Slatktine, 1981

TOCQUEVILLE, Alexis de - De la démocratie en Amérique, Paris, Flammarion, 1981

VÁRIOS - Le pouvoir des médias, Paris, PUF, 1987

WEBER, Max - Economía y sociedad, México-Buenos Aires, Fondo de Cultura
Económica, 1964

"- O político e o cientista, Lisboa, Presença, s/ d/

SOCIOLOGIA DA ESTRATIFICAÇÃO E DAS CLASSES SOCIAIS

Docente: Drª Dulce Maria da Graça Magalhães

1. Introdução: diferenças, desigualdades e conflitos sociais.

2. Localização do conceito de classe em alguns quadros teóricos fundamentais da Sociologia.

2.1. Fundamentos e problemas da análise marxista das classes sociais.

2.2. A perspectiva weberiana sobre classes, status e partido.

2.3. Estratificação e mobilidade social no estruturo-funcionalismo.

2.4. Outras referências clássicas.

3. Novos contributos da teoria das classes e da estratificação para a análise das sociedades contemporâneas.

3.1. Sobre o conceito de propriedade dos meios de produção.

3.2. Lugares de classe, trajectos de classe.

3.3. Lugares contraditórios e dupla pertença de classe.

3.4. As "classes médias" e a divisão da classe operária.

3.5. Escolarização, transformações do mercado de trabalho e estrutura de classes.

3.6. Outras questões.

4. Dificuldades e possibilidades de operacionalização na análise sociológica das classes e da estratificação.

4.1. Definição do problema.

4.2. Referência aos limites e virtualidades dos indicadores de estrutura social nas estatísticas portuguesas.

5. Estrutura social portuguesa.

5.1. Análises globais.

5.2. Análises de âmbito local e regional.

6. Exemplos de análises sociológicas de práticas de classe.

6.1. Das desigualdades de consumo às lógicas de distinção.

6.2. Culturas e práticas culturais de classe.

6.3. Interacção e relações de classe.

7. Mobilidade e mudança nas sociedades contemporâneas.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, J.F. - "Alguns problemas de teoria das classes sociais", in Análise Social, n°66, Lisboa, 1981

"- Classes sociais nos campos, Lisboa, ICS, 1986

ALMEIDA, J.F., COSTA, A.F., MACHADO, F.L. - "Estudantes e amigos - trajectórias de classe e redes de sociabilidade", in Análise Social, n°105-106, Lisboa, 1990

"- "Famílias, estudantes e universidade", in Sociologia, Problemas e Práticas, n°4, Lisboa, Maio, 1988

"- "Recomposição socioprofissional e novos protagonismos", in António Reis (coordenação), Portugal, 20 anos de Democracia, s.l., Círculo de Leitores, 1994

ARON, R. - As Etapas do Pensamento Sociológico, São Paulo, Martins Fontes/Editora Universidade de Brasília, 1982

BOURDIEU, P. - La distinction - Critique Sociale du Jugement, Paris, Éditions de Minuit, 1979

"- O poder simbólico, Lisboa, Difel, 1989

"- A Economia das Trocas Simbólicas, São Paulo, Perspectiva, 1987

"- "Condição de classe e posição de classe", in AGUIAR, N. (org.), Hierarquias em Classes, Rio de Janeiro, Zahar, 1974

"- "Le paradoxe du sociologue", in Sociologie et Sociétés, XI, 1, 1979

BOURDIEU, P. et SAINT-MARTIN, M. - "Goûts de classe et styles de vie", in Actes de la Recherche en Sciences Sociales, n°5, Out., 1976

FERRÃO, J. - "Evolução e estrutura regional das classes sociais em Portugal (1960-70)", in Finisterra, XVII, 34, Lisboa, 1982

"- "Recomposição social e estruturas regionais de classes (1970-80), in Análise Social, n°87-88-89, Lisboa, 1985

GIDDENS, A. - Capitalismo e moderna teoria social, Lisboa, Presença 1976

GRIGNON, C. et CH. - "Pratiques alimentaires et classes sociales", in Enciclopedia Universalis, 1983, pp.376-381

"- "Styles d'alimentation et gôuts populaires", in Revue Française de Sociologie, XXI, 1980, pp.531-569

LAURIN-FRENETTE, N. - Las Teorias Funcionalistas de las Classes Sociales - Sociologia e Ideologia Burguesa, Madrid, Siglo XXI de España, 1976

MARX, K. - Le Capital, Tomo III, Paris, Éditions Sociales, 1974

MOZZICAFREDDO, J.- "Sobre a teoria das classes sociais", in Revista Crítica de Ciências Sociais, nº6, Coimbra, Maio, 1981

MILLS, W. - A Elite do Poder, Rio de Janeiro, Zahar, 1981

NUNES, S. e MIRANDA, D. - "A Composição social da população portuguesa", in Análise Social, nº27-28, Lisboa, 1969

PARSONS, T. - "Uma abordagem analítica para a teoria da estratificação social", in AGUIAR, N. (org.), Hierarquias em Classes, Rio de Janeiro, Zahar, 1974

PATO, M.V. - "A estratificação social em Talcott Parsons", in Economia e Sociologia, nº28, Évora, 1980

PINTO, J. Madureira - Estruturas sociais e práticas simbólicas - ideológicas nos campos, Porto, Afrontamento, 1985

"- Ideologias: Inventário Crítico dum Conceito, Lisboa, Presença/GIS, 1978

POULANTZAS, N. - As Classes Sociais no Capitalismo de Hoje, Rio de Janeiro, Zahar, 1978

VALAGÃO, M.M. - "Práticas alimentares dos emigrantes. Mudança ou Continuidade?, in Sociedade e Território, nº8, 1989, pp.81-91

VELHO, O., PALMEIRA, M., BERTELLI, A. (org.) - Estrutura de classes e estratificação social, Rio de Janeiro, Zahar, 1981

WEBER, M. Economia y Sociedad, México, Fondo de Cultura Económica, 1983

"- Ensaios de Sociologia, antologia editada por Hans H. Gerth e C. Wright Mills, Rio de Janeiro, Zahar, 1982

WRIGHT, O. - Classe, Crise e o Estado, Rio de Janeiro, Zahar, 1981

"- "O que é neo e o que é marxista na análise neo-marxista das classes?", in Revista Crítica de Ciências Sociais, nº12, Coimbra, Outubro, 1983

SOCIOLOGIA RURAL E URBANA

Docentes: Dra Helena Vilaça
Dr. Virgílio Pereira

1. Questões introdutórias.

1. A difícil delimitação entre o rural e o urbano - principais questões teóricas e
metodológicas.

2. Objecto da sociologia urbana.

2.1. Problemas de definição - a crise urbana.
2.1.2. Especificidade do espaço urbano.
2.2. Dos modelos pré-urbanistas aos urbanistas.
2.3. A abordagem sociológica do espaço urbano.
2.3.1. Uso, percepção e apropriação do espaço.
2.3.2. Ruptura com as relações mecânicas entre o espaco e a vida social.

3. As principais teorias da sociologia urbana.

3.1. Abordagens da Sociologia clássica: Marx, Durkheim e Weber.
3.2. A escola de Chicago: Park, Burgess e McKenzie.
3.2.1. As condições histórico-sociais e os quadros teóricos de referência determinantes para a emergência da sociologia urbana nos EUA.
3.2.2. 0 conceito de ecologia humana e as áreas naturais.
3.3. Tendencias actuais - Estados Unidos e França.

4. 0 sistema urbano.

4. 1. Planeamento urbano: os PDMs (Planos Directores Municipais) e a importancia
de um enquadramento territorial.
4.2. Políticas urbanas.
4.2.1. Habitação.
4.2.2. Transportes e equipamentos colectivos.
4.2.3. Industrializaçao e terciarização.

4.3. O processo de urbanização em Portugal.
4.3.1. As áreas metropolitanas.

5. Objecto da Sociologia Rural.
5.1. Factores de emergência da disciplina.
5.2. Principais paradigmas.
5.2.1. A tradiçao marxista e a racionalidade camponesa de Tchayanov.
5.2.2. As teses produtivistas e os 'Novos estudos camponeses'.

6. Espaços rurais.
6.1. Especificidades e autonomia relativa.
6.1.1. Agricultura e recursos naturais.
6.1.2. Comunidade rural e identidade local.
6.1.3. Família e redes de sociabilidade.
6.2. Espaço rural e modernização - agricultura, indústria e serviços.
6.2.1. Agricultura a tempo parcial e semiproletarização.
6.2.2. Classes e estratos sociais no campo.
6.3. A urbanização do espaço rural.
6.3.10 A Conflitualidade entre tradição e mudança.
6.4. Transformaçoes espaciais: desenvolvimento local e 'rurbanização'
6.5. Os novos desafios da sociedade rural.

7. Espaços rurais na sociedade portuguesa.
7.1. População rural e população activa agrícola.
7.2. Êxodo rural e êxodo agrícola.
7.3. As principais transformações agrárias.
7.4. As implicações da integração europeia.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, J. Ferreira de - "A monografia rural", Análise Social, n°2, 1979

BAUER, G.; Roux, J.M. - La rurbanisation ou la ville éparpillé, Paris, Seuil, 1976

BOURDIEU, Pierre - Le sens pratique, Paris, Minuit, 1980.

BRETELL, Caroline - Homens que partem, mulheres que esperam: consequências da emigração numa freguesia minhota, Lisboa, D. Quixote, 1991

CABRAL, J. Pina - Filhos de Adão, filhas de Eva, a visão do mundo camponesa no Alto Minho, Lisboa, D. Quixote, 1989.

CARRIÈRE, Jean-Paul - Les transformations agraires au Portugal, Páris, Económica, 1989

CASTELLS, Manuel - Crisis urbana y cambio social, Madrid, Siglo XXI, 1981.

"- Problemas de investigação em sociologia urbana, Lisboa, Presença, 1979

"- La question urbaine, Paris, Maspero, 1975

CHOAY, Françoise - L'urbanisme en question, Paris, Seuil, 1965.

FERREIRA, A. Fonseca - Por uma nova política de Habitação, Porto, Afrontamento, 1987

FREITAS, Eduardo de; ALMEIDA, J. Ferreira; CABRAL, M. Villaverde - Modalidades de penetração do capitalismo na agricultura. Estruturas agrárias em Portugal continental, 1950-1970, Lisboa, Presença, 1976

LEFÈBVRE, Henri - Du rural à l'urbain, Paris, Anthropos, 1970

LOURENÇO, Nelson - Família rural e indústria, Lisboa, Fragmentos, 1991

MENDRAS, Henri - Sociétés paysannes, Paris, Armand Colin, 1976

"- "Sociologie des ruraux", Encyclopédie Universalis- La fin des paysans, Paris, Armand Colin, 1967

NEWBY, Howard- "Rural Sociology", Current Sociology, vol. 28, n°1, 1980

"- Introduccion a la sociologia urbana, Madrid, Alianza, 1983

O'NEIL, Brian Juan - Proprietários, lavradores e jornaleiros, desigualdade social numa aldeia transmontana, Lisboa, D. Quixote, 1984

OLIVEIRA, F. Veiga - Festividades cíclicas em Portugal, Lisboa, D. Quixote, 1984

PINTO, J. Madureira - Estruturas sociais e práticas simbólico-ideológicas nos campos, Porto, Afrontamento, 1985

RAMBAUD, Placide - Société rurale et urbanisation, Paris, Seuil, 1969

RÉMY, Jean; Voyé, Lilianne - La ville et l'urbanisation, Gembloux, Duculot, 1974

SANCHIS, Pierre - Arraial: festa de um povo, as romarias portuguesas, Lisboa, D. Quixote, 1983.

SILVA, A. Santos - Tempos cruzados, um estudo interpretativo da cultura popular, Porto, Afrontamento, 1994

VÁRIOS - L'école de Chicago - naissance de l'écologie urbaine, Paris, Champs
Urbain, 1979 (antologia)

WOLF, Eric R. - Peasants, New Jersey, Prentice-Hall, 1966

SOCIOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

Docentes: Drª Helena Vilaça
Drª Isabel Coelho dos Santos

1. O desenvolvimento: evidências e representações

1.1. Análise de conceitos.

1.1.1. Crescimento e desenvolvimento.

1.2. A percepção do (sub)desenvolvimento.

1.2.1. Evolução dos discursos.

2. Produção de teorias no âmbito do "desenvolvimento original".

2.1. Os factores económicos do desenvolvimento.

2.1.1. 0 problema da insuficiência de capital e a mudança sócio-cultural induzida.

2.2. Os factores sócio-culturais do desenvolvimento.

2.2.1. A teoria da modernização.

2.2.2. Os factores psicossociológicos.

3. As críticas à teoria da modernização e a ruptura com o paradigma das insuficiências internas.

3.1. A fragilidade empírica dos desvios e dos obstáculos ao desenvolvimento.

3.2. Teoria da dependência.

3.2.1. Centro/periferia: formação e desenvolvimento.

3.2.2. A restituição da dimensão histórica do desenvolvimento e do subdesenvolvimento: "o desenvolvimento do subdesenvolvimento".

3.2.3. 0 problema da troca desigual.

3.2.4. Especificidade das formaçoes periféricas - a tipologia de Samir Amin.

3.3. Prefigurações.

4. Reconsiderações sobre a actual problemática do desenvolvimento.

4.1. 0 impasse da teoria da dependência.

4.2. Repensar as prefigurações.

4.3. 0 novo debate acerca do desenvolvimento.

4.3.1. Desenvolvimento e ambiente.

4.3.2. O desenvolvimento como processo.

4.3.3. Pistas para uma nova conceptualização: conceitos, políticas e planeamento.

5. O caso português: a dinâmica do desenvolvimento em Portugal.

5.1. Algumas das principais fases do percurso da Economia Portuguesa até à Segunda Guerra Mundial.

5.2. O desenvolvimento económico português depois da Segunda Grande Guerra.

5.2.1. Os anos 50 e o modelo de crescimento económico: factores determinantes,
caracterização e factores do seu esgotamento.

5.2.2. Os anos 60: alterações face ao modelo anterior.

5.2.3. Os anos 70: a "Nova Política Económica"; o 25 de Abril; a "redescoberta" da Europa e as opções quanto ao modelo de desenvolvimento.

5.2.4. Os anos 80: política económica e social; características dos principais sectores de actividade económica; enquadramento face à Europa e ao resto do mundo; bloqueamentos e potencialidades no contexto da integração europeia.

5.2.5. As perspectivas de desenvolvimento para os anos 90: as condicionantes internas e externas; o Mercado Único Europeu; a União Económica e Monetária.

BIBLIOGRAFIA

AMIN, Samir - Le développement inégal. Essai sur les formes sociales du capitalisme périphérique, Paris, Minuit, 1973

BAIROCH, Paul - Révolution industrielle et sous-développement, Paris, Centre d'Études de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1984

CABRAL, M. Villaverde - O desenvolvimento do capitalismo em Portugal no séc. XIX, Porto, A regra do jogo, 1976

CASTRO, Armando de - A economia portuguesa no séc. XX (1900-1925), Porto, Edições 70, 1973

"- Evolução da economia portuguesa, Lisboa, Seara Nova, 1973

Figueiredo, António M.; COSTA, Carlos - O (sub)desenvolvimento, Vol.I, Porto, Afrontamento, 1982 e Vol.II, Porto, Afrontamento, 1986.

FRANK, A. Günder - Sociologia do subdesenvolvimento e subdesenvolvimento da sociologia, Coimbra, Centelha, 1976

FURTADO, Celso - Pequena introdução ao desenvolvimento, São Paulo, Editora Nacional, 1981

HIRSCHMAN, Albert - L'économie comme science morale et politique, Paris, Seuil, 1984

MALEK, A. Abdel e out. - Clés pour une stratégie nouvelle du développement, Paris, UNESCO, Ed. Ouvrières, 1984

MOURA, F. Pereira de - Por onde vai a economia portuguesa, Lisboa, Seara Nova

MURTEIRA, Mário - Desenvolvimento, subdesenvolvimento e o modelo português, Lisboa, Presença.

ORDAZ, Pedro - "Adesão às Comunidades Europeias. Problemas de transição", Portugal Contemporâneo, INA, 1986.

PEREIRA, Miriam Halpern - Assimetrias de crescimento e dependência externa, Lisboa, Seara Nova, 1974.

PERROUX, François - Pour une philosophie du nouveau développement, Paris, Bouvier, 1981

PINDER, David - Europa ocidental - desafios e mudanças, Oeiras, Celta, 1994

PINTO, A. Sevinate et alt. - A agricultura portuguesa no período 1950-1980, Imprensa Nacional - Casa da Moeda/IED, 1984.

ROSTOW, W.W. - Etapas do desenvolvimento económico, Rio de Janeiro, Zahar, 1966.

SACHS, Ignacy - Iniciation a l 'écodéveloppement, Paris, Privat, 1981.

SANTOS, B. Sousa - O Estado e a sociedade em Portugal (1974-1988), Porto, Afrontamento, 1990

SILVA, Manuela et alt. - Portugal, que vias de desenvolvimento? Que instituições?, Porto, Afrontamento, 1980

SILVA, A. Santos et alt. - Atitudes, valores culturais, desenvolvimento, Lisboa, SEDES, 1988

VV. - Le développement: idéologies et pratiques, Paris, Orston, 1983.

YEARLEY, Steven - A causa verde, uma sociologia das questões ecológicas, Oeiras, Celta, cap. 5, 1992.

OPÇÕES

SOCIOLOGIA DA CULTURA E DA COMUNICAÇÃO

Docentes: Drª Dulce Maria da Graça Magalhães
Dr. João Miguel Teixeira Lopes

I. CULTURA E SOCIEDADE.

A. Concepção sociológica de cultura.

B. Formas, níveis e diversidades de culturas.

1. Cultura ou culturas?
2. Estruturas sociais e sistemas de representação.
3. Necessidades e aspirações culturais.
4. Identidade cultural versus transposição da cultura e alargamento do campo cultural - as lutas simbólicas.

C. A criação cultural.

1. A distinção entre consciência real e consciência possível.
2. Correspondência entre a produção de bens culturais e a produção de gostos.

D. A cultura como praxis na realidade social portuguesa - o processo de produção de sentido.

1. Práticas e consumos culturais quotidianos.
2. Funções expressivas e apropriação social de práticas culturais.
3. A dinâmica da mudança: processos sociais de dissolução-conservação sócio-culturais.

II. A PRODUÇÃO SOCIAL DA COMUNICAÇÃO

A. Contexto e significação.

B. Comunicação conflituosa.

1. Características e objectivos do "combate verbal".
2. Regras do discurso conflituoso.

C. Comunicação de massa.

1. Características e linguagem dos media.

2. Mass-media e cultura de massa versus cultura clássica -o funcionamento do saber na sociedade de consumo.

3. Democratização da cultura na sociedade de consumo.

4. O poder dos mass-media.

5. Relação entre comunicação de massa e sistema político e social.

D. A publicidade.

1. Características, objectivos, estratégias.

2. O impacto da publicidade na sociedade.

III. PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO CULTURAL.

A. Tempos livros e lazer - a promoção do lazer como um valor; uma nova concepção da realização pessoal e de criatividade.

B. Elementos e mecanismos da reprodução cultural - a reprodução pelo sistema; "habitus" de classe, linguagem e reprodução cultural.

C. Políticas culturais.

BIBLIOGRAFIA

BALLE, F. et al. - Le Pouvoir des Médias. Mélanges offerts à Jean Cazeneuve, Paris, PUF, 1987

BAUDRILLARD, J. - O sistema dos objectos, São Paulo, Perspectiva, 1989

BOURDIEU, P. - La Distinction, Paris, Minuit, 1979

DUMAZEDIER, Joffre - Lazer e cultura popular, São Paulo, Perspectiva, 1976

GOLDMANN, L. - A criação cultural na sociedade moderna, Lisboa, Presença, 1976

JACOB, F. - O jogo dos possíveis, Lisboa, Gradiva, 1981

LAMPREIA, J.M. - A publicidade moderna, Lisboa, Presença, 1989

MORIN, E. - Pensar a Europa, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1987

WINDISCH, U. - Le K.O. verbal. La communication conflictuelle, Lausanne Age d'Homme, 1987

NOTA: Ao longo das aulas será facultada aos estudantes bibliografia complementar.

ESTRUTURA URBANA E CONFLITUALIDADE SOCIAL

Docente: Drª Paula Maria Guerra Tavares

I. Estrutura Urbana: aspectos introdutórios

1. Problematização do conceito de estrutura urbana.

1.1. Análise do conceito de estrutura urbana através do "processus" de urbanização.

1.2. O conceito de estrutura urbana e algumas referências teóricas: R. Ledrut e H. Lefebvre.

2. Novas problematizações em torno do conceito.

II. Desenvolvimentos conflituais nas sociedades urbanas actuais

1. Práticas de sociabilidade e antissociabilidade e seu enquadramento na temática da sociologia do quotidiano.

2. A segregação social e urbana, e sua importância.

3. Desqualificação e exclusão social no mundo urbano actual;

4. Tecido urbano actual, ordem e conflito.

4.1. Concepções teóricas da conflitualidade.

4.2. Violência e ruptura nas cidades.

4.3. Alguns estudos de caso.

III. Estrutura urbana e marginalidade social

1. Marginalidade e desvio: aspectos introdutórios.

2. As perspectivas sociológicas da marginalidade e desvio;

2.1. Da óptica durkheimiana ao funcionalismo.

2.2. A Escola de Chicago.

2.3. Da perspectiva culturalista ao interaccionismo simbólico;

3. Abordagem analítica da marginalidade e desvio no tecido urbano actual.

3.1. Análise institucional da marginalidade; os contributos de Goffman e Foucault;

3.2. Desvio - Crime e reacção societal.

3.3. O actual problema da droga e suas derivações.

3.4. Etnicidade e racismos.

3.5. Grupos sociais estigmatizados no mundo urbano actual.

IV. Estrutura urbana portuguesa, marginalidade e desvio

1. Cronologia histórica da marginalidade em Portugal.

2. Alguns estudos de caso.

2.1. Estudo de categorias sociais e etárias estigmatizadas na sociedade portuguesa ao longo das últimas décadas.

2.2. A droga e a sociedade urbana portuguesa nos anos 80 e 90.

2.3. O alcoolismo e a sua inscrição espacial

2.4. A prostituição

2.5. Abordagem do crime e suicídio em Portugal nos anos 80 e 90.

2.3. As vivências prisionais.

3. Algumas perspectivas futuras.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, J. F. e Outros, Exclusão Social - Factores e Tipos de Pobreza em Portugal, Oeiras, Celta Ed., 1992

BECKER - The Outsiders, Studies in Sociology of Deviance, Nova Iorque, The Free Press Ed., 1966

BOURDIEU, P. (org), La France qui parle - La Misére du Monde, Paris, ed. Seuil, 1993

BOURDIN, A., HIRSCHHORN, M. (orgs.) - Figures de la Ville, Paris, Ed. Aubier, 1985

BRAKE, M. - Youth Culture - The Sociology of Youth Culture and Youth Subcultures in America, Britain and Canada, Londres, Ed. Routledge, 1985

BRAUN, F. et allii - Chomâge des Jeunes, Délinquance et Environnement Urbain. Comissão das Comunidades Europeias, Bélgica, 1988

CERTEAU, M. - L'Invention du Quotidien, Paris, Union Gènèrale d'éditions, 1980

CLINARD, M., MEIER, R. - Sociology of Deviant Behavior, Nova Iorque, CBS College Publ., 1985

COHEN, Albert - Deviance and Control, Nova Jersey, Prentice-Hall Inc., 1966

COSER, Lewis A. - Les Fonctions du Conflit Social, Paris, Ed. PUF, Paris, 1982

CUSSON, M. - Croissance et Décroissance du Crime, Paris, Ed. PUF, 1990

DUBET, F. - La Galère: jeunes en Survie, Paris, Ed. Fayard, 1987

FATELA, J., O Sangue e a Rua, Lisboa, ed. D. Quixote, 1989

FOUCAULT, M. - Vigiar e Punir, Petrópolis, Ed. Vozes, 1988

GOFFMAN, E. - A Representação do Eu na Vida Cotidiana, Petrópolis, Ed. Vozes, 1983

"- Manicómios, Prisões e Conventos, S. Paulo, Ed. Perspectiva, s/data

"- Estigma - Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada, Rio, Ed. Zahar, 1982

HERPIN, N. - A Sociologia Americana - Escolas, Problemáticas e Práticas, Porto, Ed. Afrontamento, 1982

LABBENS, J. - Sociologie de la Pauvreté, Paris, Ed. Gallimard, 1978

LEDRUT, H. - Sociologia Urbana, S. Paulo, Ed. Forense, 1971

LEFEBVRE - Le Droit à la Ville, Paris, Ed. Anthropos, 1968

LENOIR, R. - Les Exclus, Paris, Ed. du Seuil, 1974

LÉVY, P. - Conflit Social, Paris, Ed. PUF, 1983

MATZA, D., El Proceso de Desviacion, Madrid, Taurus Ed., 1981

MERTON, R. - Sociologia - Teoria e Estrutura, S. Paulo, Ed. Mestre Jou, 1970

MOORE, S., Investigating Deviance, Londres, Publ. Unwin Hyman, 1988

MUNFORD, L. - The City in the History, Londres, Secker and Warburg Publ., 1961

PAUGAN, S. - La Disqualification Sociale, Paris, Ed. PUF, 1991

PINÇON - CHARLOT et allii - Ségregation Urbaine, Paris, Ed. Antrophos, 1987

RÉMY, J., VOYÉ, L. - Ville, Ordre et Violence, Paris, Ed. PUF., 1981

SILVA, M., COSTA, A. BRUTO da (orgs.), A Pobreza Urbana em Portugal, Lisboa, Ed. Cáritas, 1985

VÁRIOS - Crise de l'Urbain, Futur de la Ville, Paris, Ed. RAPT, 1986

"- Vie Quotidienne en Milieu Urbain, Monteplier, Colloque de Monteplier, 1978

"- The Sociology of Crime and Delinquency, Nova Iorque, John Wiley Publ., 1970

VELHO, O. (org.) - O Fenómeno Urbano, Rio, Zahar Ed., 1970

PSICOLOGIA SOCIAL

O programa será entregue oportunamente pelo docente.

ÍNDICE

Sociologia Política 1
Sociologia da Estratificação e das Classes Sociais 3
Sociologia Rural e Urbana 6
Sociologia do Desenvolvimento 9

Opções
Sociologia da Cultura e da Comunicação 1
Estrutura Urbana e da Conflitualidade Social 3
Psicologia Social 6